



Algo de novo no front: um diálogo entre literatura e psicologia

Davi Silva Gonçalves* e Luísa Gonçalves Santos

Universidade Federal de Santa Catarina, Rua Engenheiro Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n.º, 88040-900, Trindade, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: goncalves.davi@hotmail.com

RESUMO. O contexto geral deste artigo concerne ao período histórico da primeira e da segunda grande guerra, tendo em vista os impactos destas dentro dos momentos nos quais se inseriam e suas consequências posteriores na experiência daqueles cujas vidas sofreriam interferência (direta ou indireta) daquilo que se passou dentro e fora dos campos de batalha. É neste sentido que propomos um paralelo entre o romance *Nada de Novo no Front* (Remarque, 2004) e talvez um dos diários que acabou por se tornar o mais mundialmente conhecido: *O Diário de Anne Frank* (Frank, 2007). É justamente a maneira tal qual esta confiança no corpo narrativo, nas palavras, na configuração textual acaba por resultar na própria reinserção, reconfiguração e ressignificação tanto de Anne Frank quanto de Erich Remarque enquanto sujeitos – dentro do contexto das duas guerras mundiais – que nossa análise identifica e discute.

Palavras-chave: Anne Frank. Erich Remarque. guerra.

Nothing quiet on the western front: a dialogue between literature and psychology

ABSTRACT. The overall context of this article concerns the historical period of the First and Second World wars, bearing in mind their impact and consequences regarding the experiences of those whose lives had been affected (directly or not) by what occurred within and outside the battlefields. Therefore we propose a parallel between the novel *All Quiet on the Western Front* (Remarque, 2004) and maybe one of the most well-known journals of all times: *The Diary of a Young Girl* (Frank, 2007). It is precisely the manner whereby relying on the words, the textual configuration, the body of the text ends up resulting in both Anne Frank and Erich Remarque's reinsertion, reconfiguration, and re-signification as subjects – in what regards their condition within the First and Second World Wars – that our analysis identifies and discusses.

Keywords: Anne Frank. Erich Remarque. war.

Introdução

Se escrevo o que sinto é porque assim diminuo a febre de sentir. (Fernando Pessoa, 1999, p. 54)

A escrita como oportunidade de (re)estruturação psicológica

Como muito bem observado por Platão há mais de dois mil anos, apenas quem morre conhece o fim da guerra. Tendo isso em mente, subestimar o significado e a dimensão da guerra e de seus sistemas de significação dentro de todo o desenvolvimento da sociedade e do sujeito nela inserido seria, no mínimo, impróprio. Logo, parece-nos também pertinente que se observem os relatos de escritores que emergiram em contextos nos quais a temática da guerra atingiu, até aqui, talvez os seus maiores ápices – no caso durante a primeira (1914 a 1918) e a segunda (1939 a 1945) guerra mundial – como forma de compreender não só até que ponto a experiência do campo de batalha interfere no desenvolvimento da identidade do sujeito, mas também o papel que sua produção escrita desempenha no caminhar de todo esse processo.

Sendo assim, o contexto geral deste artigo concerne ao período histórico da primeira e da segunda grande guerra, tendo em vista os impactos destas dentro dos momentos nos quais se inseriam e suas consequências posteriores na experiência daqueles cujas vidas sofreriam interferência (direta ou indireta) daquilo que se passou dentro e fora dos campos de batalha. Como sugere Luciana de Lima Martins, em sua dissertação *História, Literatura e Memória: Reflexões sobre a Grande Guerra*,

[...] a Primeira Guerra Mundial se caracteriza como um momento paradigmático, do século XX, no qual a extensão, a duração e a brutalidade do conflito colaboraram para a construção de culturas históricas (Martins, 2008, p. 8).

Ainda segundo a autora, trata-se este de um momento paradigmático porque ele se vê responsável por permitir a articulação dessas culturas históricas – manifestadas literariamente – que, “[...] independentemente dos caminhos percorridos, questionam e procuram compreender este momento” (Martins, 2008, p. 8). Como bem

colocado por Laura Campos, no artigo *Patrick Modiano e A Segunda Geração Pós-Shoá*, assim como a primeira guerra,

[...] a Segunda Guerra Mundial exerceu um impacto importante no campo estético, repercutindo nas temáticas, nas formas de representação e na recepção; encontramos, desde o imediato pós-guerra, dezenas de textos sobre o conflito (Campos, 2008, p. 1).

São esses textos que reiterariam a importância de que se reconsidere o impacto da segunda guerra na estética literária (na realidade, para muito além dela), justamente na medida em que “[...] a grande maioria dos trabalhos enfatiza a impossibilidade de narrar o horror e de representar a tragédia no campo de batalha” (Campos, 2008, p. 2). Esse horror e tal tragédia parecem, para aqueles que se propõem a revisita-los, tão impossíveis de serem narrados justamente porque, dentro do cânone histórico (no qual as noções de honra e orgulho patriota são utilizadas para mascarar a crueldade e a selvageria que tanto marcam períodos de guerra), a maior parte das experiências das trincheiras nos é trazida a partir de perspectivas romantizadas, utópicas e redondamente falaciosas. Neste sentido, e tendo definido o contexto mais amplo deste artigo, passamos agora ao seu contexto específico, que diz respeito a esse tipo de literatura que problematiza essas perspectivas normativas acerca da guerra – propondo novos olhares sobre o sujeito e sobre como a experiência do campo de batalha interfere em sua inserção no mundo que o cerca.

Entendemos esse tipo de reflexão estética como extremamente pertinente, ainda mais tendo em vista que, como observa Maria Cunha, no artigo *A guerra contada: estudo de narrativas jornalísticas e históricas em diário e memórias*, dentro da tradição da análise literária, há relativamente “[...] poucos estudos sobre a narrativa de guerra e são ainda mais raros os trabalhos que discutem tecnicamente a narrativa oriunda da guerra” (Cunha, 2011, p. 2). Entende-se aqui que a narrativa de guerra se configura não só por relatos de memória daqueles soldados que passaram materialmente pela experiência nas trincheiras, mas também por quaisquer escritos que se inserem em tal realidade, ainda que subjetivamente. Sendo assim, o objetivo geral da nossa análise seria não só o de relativizar ainda mais esses escritos – já que, como visto, eles pouco ou nada revelam acerca da experiência do sujeito que se insere no contexto da primeira ou da segunda grande guerra – como também o de identificar se, e de que maneira, a escrita surge como capaz de autorizar que o autor passe de sujeito passivo para ativo frente à narrativa hegemônica. Nesse sentido, entendemos

que aquele que coloca em palavras a experiência da guerra, seja através de diários, poemas, romances ou memórias, se reconstrói narrativamente, ultrapassando as fronteiras entre escritor e personagem e se configurando não apenas como aquele que escreve, mas também como aquele que reescreve a si mesmo.

Logo, ao se reconstruir enquanto personagem, aquele que escreve, consequentemente, também se reconstrói enquanto sujeito. Personagem e sujeito, logo, emergem como complementares; ambos são subjetivos e ambos passam, através da escrita, pela ressignificação.

Assim, o personagem não é um dado a priori, mas sim uma construção temporal, uma forma vazia que vai pouco a pouco sendo preenchida por diferentes predicados (Lima & Santiago, 2012, p. 98).

Novamente surge essa inversão de significados, na qual aquele que é construído também constrói, na qual aquele que assujeita o outro – neste caso, o seu eu literário – também é por ele assujeitado; através da descrição e ressignificação de suas memórias na escrita narrativa “[...] o autor se reduz ao lugar de retorno do discurso que vem do Outro, como uma mensagem sempre invertida” (Lima & Santiago, 2012, p. 99). No caso da primeira guerra mundial, a nossa análise se dirige ao romance, *Nada de Novo no Front* (2004), de Erich Remarque, ex-combatente no front alemão. Na análise do romance originalmente escrito em 1929 feita por Carlos Paixão, em seu artigo *No front, na fuga, no paraíso: visões de Erich Maria Remarque sobre a Era da Catástrofe* (2011), este argumenta que essa “[...] obra de Erich Maria Remarque se configura como uma bandeira frente ao belicismo, autoritarismo e perseguições de toda espécie” (Paixão, 2011, p. 9). Sendo um dos primeiros autores a propor um novo olhar sobre a experiência alemã durante a primeira guerra – fato que lhe custou muita censura e recriminação – em seu romance Remarque deixa de lado a honra e o patriotismo associados ao campo de batalha para trazer à tona “[...] a pequenez e a animalização do homem frente à barbárie da guerra, com suas perdas, traumas e frustrações” (Paixão, 2011, p. 10).

É nesse sentido que propomos um paralelo entre o romance *Nada de Novo no Front* (2004) e talvez um dos diários que acabou por se tornar o mais mundialmente conhecido: *O Diário de Anne Frank* (2007), com apontamentos que datam de 1942 até 1944. Como aponta Marta Santos, na dissertação intitulada *Um Olhar sobre O Diário de Anne Frank* (2006), o diário de Anne Frank

[...] é uma obra pessoal escrita durante a Segunda Guerra Mundial, passada em Amsterdão, tendo início a 12 de Junho de 1942 (dia em que Anne

completa 13 anos de idade) e a última entrada data de 1 de Agosto de 1944 (Santos, 2006, p. 21).

Se Remarque escreve após sua participação na primeira guerra para relatar sua experiência e reconstruir-se frente ao sofrimento pelo qual passou ou observou dentro do campo de batalha, Anne Frank não se viu disposta a esperar. Foi justamente durante o período mais difícil de sua vida, segundo ela mesma nos relata, que “[...] Anne confiou a este diário os seus pensamentos, sentimentos, ideais, gostos, rotinas e filosofias de vida no anexo secreto” (Santos, 2006, p. 23). É justamente a maneira tal qual esta confiança no corpo narrativo, nas palavras, na configuração textual acaba por resultar na própria reinserção, reconfiguração e ressignificação tanto de Anne Frank quanto de Erich Remarque enquanto sujeitos – dentro do contexto das duas guerras mundiais – que nossa análise objetiva identificar.

Discussão

Narrativa de guerra e terapia narrativa nos textos de Frank e Remarque

Em *Nada de Novo no Front* (2004), Erich Remarque reconta aquilo que o soldado comum alemão teria vivido no front da primeira guerra mundial a partir do olhar do personagem Paul Baumer – curiosamente, nome que o autor possuía antes de se tornar escritor, mas que, após a guerra, decidiu abandonar. As experiências vividas por Paul são um espelho daquilo que teria enfrentado o próprio Remarque quando soldado, sendo que ambos passam por um processo de ressignificação frente ao cenário do campo de batalha (na medida em que são desafiados a aceitar a realidade da guerra como necessária e honrosa, ainda que seus companheiros e ideais aos poucos desfaleçam irremediavelmente). A vontade de conquistar o mundo, nutrida anteriormente na mente juvenil de Baumer, se converte naquela de fugir de tal mundo, já que o amor pelo simples gesto de viver é, sistematicamente, transformado em ódio, transformado na indignação de destruir – sintomática das funções de todo soldado. O início da guerra, para o soldado, caracteriza também o término de sua vida como antes ele a conhecia.

A primeira bomba, a primeira granada, explodiu em nossos corações. Estamos isolados dos que trabalham, da atividade, da ambição, do progresso. Não acreditamos mais nessas coisas; só acreditamos na guerra (Remarque, 1929, p. 76).

Nesse sentido, é interessante que se dirija um olhar mais atento ao contexto de recepção do romance de Remarque. Como bem aponta Modris Eksteins, no artigo *All Quiet on the Western Front and*

the Fate of a War (Eksteins, 1980), *Nada de Novo no Front* (Remarque, 2004) foi lançado em janeiro de 1929 e, pouco depois, alcançou um sucesso até então desconhecido no mercado editorial para o que era, aparentemente, nada além do que uma simples elaboração literária acerca de um relato de guerra. Logo, e tendo em vista a ampla divulgação do romance, pode-se arriscar dizer que Remarque se viu na condição quase de fundador do gênero da narrativa de guerra, sendo que, entre outras coisas, sua participação frente a ele gerou uma inquestionável multiplicação e popularização dos livros de guerra que passaram a ser publicados massivamente quando do aparecimento da estória de Paul Baumer. Aquele que escreve, hoje sabemos, nunca pode estar seguro de possuir total controle acerca daquilo que escreve. Dessa forma, da mesma maneira que Remarque nunca poderia imaginar as consequências que seu romance traria frente a toda uma forma de se pensar e significar a experiência da guerra, também Anne Frank muito provavelmente nunca teve ciência das implicações associadas aos seus relatos aparentemente inócuos. É quando, aos 12 anos de idade, ela se refugia com a família das tropas nazistas (tropas estas que só puderam alcançar a dimensão que tiveram, tendo em vista o patológico nacionalismo alemão que se articulou quando do término da primeira guerra) que Anne inicia sua narrativa, logo após ser presenteada em seu aniversário com aquele que, em pouco tempo, se converteria em seu melhor amigo durante a segunda guerra: o seu diário.

Ao longo das páginas, entretanto, escrever suas memórias passa a se materializar, para Anne, como uma forma peculiar de aliviar seu coração de todos os pesos. Enxergando o papel como mais paciente do que qualquer pessoa – muito provavelmente porque nele ela escreve o que quer sem precisar se esconder e nenhuma recriminação recebe em troca – é no diário que ela passa a encontrar consolo, principalmente nos dias mais difíceis, naqueles momentos onde apenas sua ressignificação através da escrita poderia ajudá-la a compreender a realidade que a cercava e, por conseguinte, a compreender a si mesma. Se a experiência de Remarque se caracteriza como insuportável na medida em que ele se viu obrigado a entregar-se às redes de sentido do front alemão, se o seu desespero emerge principalmente do fato de que ele foi escancarado à podridão da lógica da guerra, o que aos poucos desespera Anne é o seu sofrimento oculto, abafado dentro de um esconderijo improvisado. É interessante notar como a guerra é capaz de, com muito êxito, eliminar qualquer possibilidade de liberdade – seja para

aqueles que dela participam ativamente ou para aqueles que se escondem da mesma.

Como observa Clara Belchior, no artigo *O Discurso de Anne Frank* (2010), o holocausto que se instaurou na Europa durante a segunda grande guerra “[...] fez definhar muitas raízes genealógicas, principalmente de descendência judia, que foi o alvo principal da crueldade da Guerra” (Belchior, 2010, p. 136). O conhecimento de que tal crueldade se potencializava – e de que tudo aquilo que a acompanhava vinha acontecendo consecutivamente – fez com que muitos sujeitos – principalmente judeus – se vissem obrigados a fugir com suas famílias para países vizinhos (Holanda, Itália, Inglaterra etc.); esta se configura em uma situação bastante corrente durante a segunda guerra quando podemos observar, em distintas partes da Europa, centenas de sujeitos que abandonam a Alemanha como única chance de assegurar sua integridade física e psicológica. Tais sujeitos

[...] viviam como ilegais, em esconderijos, aguardando o final da guerra, como no caso da família Frank, que esteve por dois anos num sótão de um escritório de amigos do pai (Belchior, 2010, p. 137).

Tão incompreensível parece ser a lógica de tal realidade (na qual cidadãos comuns se tornam, do dia para noite, inimigos do estado – sem nada terem feito para isso) quanto parece ser para Paul Baumer a lógica da realidade que ele aos poucos começa a decodificar, principalmente quando resolve caminhar ao lado do campo de prisioneiros – combatentes das tropas adversárias.

Talvez este seja o clímax do romance de Remarque, pois consiste no momento em que seu alter ego abandona sua função passiva de soldado para refletir ativamente acerca da questionável sistemática da guerra – já que no trecho ele identifica como impossível determinar o que lhe faz diferente daqueles que são, supostamente, seus inimigos. Assim como as vidas daqueles alemães que dividem com Baumer suas vidas, fábulas e desgraças, as vidas de seus inimigos também lhe parecem anônimas e sem culpa. Nesse sentido, a terrível melancolia da vida seria devida à falta de piedade daqueles que traçaram essas linhas entre oponentes que se desconhecem; devido à voz de comando que faz de alguns sujeitos nossos amigos e que faz de outros nossos mais mortais inimigos.

Em alguma mesa, é assinado um documento, por pessoas que nenhum de nós conhece, e então, durante anos, o nosso objetivo supremo é aquilo que, em tempos normais, é objeto da abominação universal e da mais enérgica reprovação (Remarque, 2004, p. 154).

Tal objetivo, que Baumer deixa implícito, seria o objetivo de matar, destruir, eliminar; de retirar de outros sujeitos aquele bem que nos é mais precioso: a vida. Olhando novamente para os rostos de seus inimigos, Baumer se pergunta se alguém, de fato, poderia enxergar neles algo que os tornaria, inerentemente, inimigos.

Quem ainda consegue fazer essa distinção, vendo estes rostos infantis? Apesar disso, atiraríamos neles novamente e eles em nós, se estivessem livres. Fico assustado, não posso continuar a pensar assim. É um caminho que leva ao abismo (Remarque, 2004, p. 155).

Ainda que coerente, a linha de raciocínio do soldado começa a assustá-lo, ele sabe que esse tipo de pensamento dificulta ainda mais a sua tarefa no campo de batalha, que já é significativamente abstrusa. Entretanto, é nessa breve reflexão que Remarque, através de Paul Baumer, identifica talvez sua grande motivação para divulgar sua desconstrução da narrativa de guerra. O personagem faz a si mesmo uma promessa: “[...] não quero perder estes pensamentos, prometo guardá-los, conservá-los com cuidado, para quando a guerra terminar” (Remarque, 1929, p. 156). De fato, essa missão que Paul Baumer parece desejar assumir consiste na missão que Erich Remarque materialmente levou a cabo; aquilo que no romance fez o coração do soldado palpitar é aquilo que, durante a primeira guerra, fez com que Remarque escrevesse. Segundo Matthew Bolton, no artigo *Love and War in All Quiet on the Western Front and Hemingway's A Farewell to Arms* (Bolton, 2011), Remarque emerge das trincheiras com uma compreensão muito mais conturbada acerca da narrativa de guerra se comparada com aquilo em que o autor acreditava antes de fazer parte do front alemão. Através dos documentos históricos, pode-se constatar que o escritor lutou durante praticamente toda a guerra no front ocidental, principalmente na fronteira entre Alemanha e França, até que fosse ferido e enviado de volta para casa – curiosamente, exatamente como ocorre com Paul Baumer.

Os relatos de horror que caracterizam a experiência da guerra estão presentes neste e em todos os outros publicados por Remarque, sendo que seu legado pode, com êxito, destrinchar a vida do soldado comum no campo de batalha sem fazer com que sua morte significasse nada além dela mesma, ensinando o seu leitor a deixar de ter fascinação pela vida do soldado para passar a ter por ele, única e simplesmente, respeito. A esperança que tem Paul Baumer em expor a injusta condição que lhe é imposta e que é imposta também àqueles que estão ao seu lado e contra ele passa a ser seu fio

condutor, sua motivação para não enlouquecer frente à loucura com a qual o front alemão na primeira guerra o obriga a coexistir. No esconderijo de Anne Frank, um paralelo entre ambos os personagens pode ser traçado também na medida em que ela admite passar por uma experiência similar quando reflete sobre a sua idealização dos mais distintos prospectos em meio à segunda guerra mundial. No entanto, ver-se livre das amarras da guerra parece, para Anne, cada dia mais difícil; mas talvez o que seja ainda mais interessante é o fato de que, para ela, o mundo nunca mais voltaria a ser o mesmo, ainda que a guerra terminasse. Isso simplesmente porque o impacto que a guerra causou nela colocou-a em um caminho sem volta, um caminho que fez com que ela, independentemente da sua idade, deixasse de enxergar não só a possibilidade de se resignificar como sujeito no futuro, como também, curiosamente, até mesmo no passado.

Quando penso na nossa vida em casa, na escola, com todas as suas alegrias e sofrimentos, em tudo o que era 'antigamente'; tenho a sensação de não ter sido eu quem viveu essas coisas, mas sim uma estranha, alguém totalmente diferente (Frank, 2007, p. 90).

Sem lentes que lhe permitam enxergar nem passado nem futuro, Anne aos poucos se perde em seu presente, tendo na escrita sua única aliada para tentar dar sentido aos seus pensamentos, pensamentos ricos em metáforas que às vezes beiram à premonição daquilo que estava em vias de ocorrer.

Vejo-nos a nós aos oito do anexo, numa pequena, nuvem, clara e azul, no meio de outras nuvens, pesadas e escuras. O nosso lugar ainda é seguro, mas as nuvens estão a ficar cada vez mais densas e o círculo que nos separa do perigo tão próximo, vai-se apertando (Frank, 2007, p. 91).

Anne muitas vezes parecia estar ciente de que a hora chegaria, até mesmo desesperada para que ela chegasse, já que não suportava mais aquele confinamento, o eterno medo que não se concretizava: no final das contas, talvez morrer não fosse tão pior do que temer diariamente a possibilidade da morte. É muito interessante notar não só a riqueza das imagens que aos poucos Anne Frank se vê capaz de articular como também o impacto que tais imagens parecem ocasionar em sua própria condição como sujeito naquelas quatro paredes do pequeno, mas ao mesmo tempo imenso mundo que a cerca.

No caso de Anne Frank, a nuvem e todos esses referentes simbólicos trazidos para metaforizar tal experiência são ferramentas que ela propõe para que possa posicionar-se frente ao mundo material através

daquilo que é imaterial – se o físico se provou incapaz de dar a ela as respostas, talvez seja o metafísico sua única saída. A escrita literária, nesse sentido, surge como fundamental, tendo em vista seu potencial em transcender o corpo objetivo em busca da subjetividade que tão pouco sentido parece fazer fora do texto, mas que dentro dele se configura como objeto de maior significância. Seguindo esta linha de raciocínio, parece ser justamente nessa busca de significados tanto internos quanto externos que

[...] reside a profunda motivação humana de criar – criação que não surge apenas porque o criador o quer ou porque gosta, mas acima de tudo, porque precisa (Santos, 2006, p. 26).

Maior que o interesse literário, o homem sofre da necessidade literária, da inerente falta pela sua reconstrução através do fenômeno artístico, seja ele textual ou não.

Como tal, há uma necessidade e motivação intrínseca no ato de criar que se deve muitas vezes à existência de uma tensão psíquica que precisa de ser elaborada (Santos, 2006, p. 27).

Por meio da criação e do desenvolvimento de seus personagens literários, ambos, Erich Remarque e Anne Frank, se reconstróem, também, como sujeitos ao se reconfigurar frente a tais tensões psíquicas citadas pela autora e que eles viveram em suas experiências durante a primeira e a segunda guerra.

Curiosamente, e apesar de descrever sem restrições sua experiência no front, Paul Baumer parece estar ciente de que alcançar uma total compreensão por parte daqueles que estão prestes a entrar em contato com seus relatos seria, no mínimo, impraticável. Ao final do romance, ele reconhece para o leitor que, via de regra, suas memórias não serão compreendidas devido a um intrincado conflito de gerações entre ele e aqueles que decodificam seus pensamentos.

Antes da nossa, cresceu uma geração que [...] agora voltará para suas antigas colocações e esquecerá a guerra; depois de nós, crescerá uma geração, semelhante à que fomos em outros tempos, que nos será estranha e nos deixará de lado (Remarque, 2004, p. 229).

Ou seja, o soldado que não venceu, mas sim foi vencido pela guerra, retorna com o sentimento de que nunca será possível se encaixar novamente em nenhum espaço; a primeira guerra resultou em sua incapacidade de se reinserir tanto na geração anterior quanto na que está por vir, pois nenhuma delas seria capaz de entender, justamente, esse período de

transição dentro do qual tais soldados foram obrigados a participar. Sua conclusão é macabúzia, mas bastante próxima daquilo que sentem muitos ex-combatentes quando se posicionam frente à possibilidade de retornar àquela realidade que nunca mais poderiam compreender da mesma maneira.

Seremos inúteis até para nós mesmos. Envelheceremos, alguns se adaptarão, outros simplesmente resignar-se-ão e a maioria ficará desorientada; os anos passarão e, por fim, pereceremos todos (Remarque, 2004, p. 230).

Tudo aquilo que Paul Baumer aprendeu perde sentido e tudo aquilo que um dia ele teve interesse em aprender deixa, inexplicavelmente, de lhe parecer tão significativo quanto um dia havia sido. O impacto da guerra é, portanto, inigualável, pois ela consiste em um marco concreto que acaba por dividir épocas, povos, e até mesmo por dividir o próprio sujeito entre aquilo que ele acredita e aquilo que passa a entender como acreditável.

O significado da Guerra é tão marcante que historiadores como Hobsbawm e Rémond consideram que foi ela que inaugurou o século XX, ou seja, o século passado deve ser entendido a partir dos temas provenientes de suas ressonâncias diretas e indiretas (Paixão, 2011, p. 4).

E não tem sido justamente assim que costumamos entender tais séculos? Como períodos e mais períodos de batalhas intermináveis e, como nos dizem os livros de história, muitas vezes justificáveis? A guerra inaugura e afoga conceitos, assim como inaugura e afoga sujeitos; na Alemanha, ela foi capaz de fazer com que os soldados no front da primeira guerra enterrassem sua sanidade, ao mesmo tempo em que fez com que aqueles que acompanhariam Hitler na segunda articulassem sua loucura. Contra toda essa mesma loucura, Anne escreve e busca, com suas palavras, uma forma de respirar que não seja apenas através da fresta de uma janela. A janela representa para Anne um martírio, uma lembrança de que a transição que esta representa é, para ela, negada.

Estou irrequieta, ando de um quarto para o outro, ponho-me por trás da janela fechada e procuro respirar o ar de lá de fora através das frinchas, sinto o coração a bater como se me estivesse a pedir: satisfaz o meu desejo! (Frank, 2007, p. 119).

Respirar esse pouco ar que entra pelas frestas de uma janela fechada representa, para a menina, uma de suas poucas oportunidades de entrar em contato com o mundo, que continua a existir fora do esconderijo. Em desespero, ela tenta compreender sua angústia.

Creio que a culpa é da Primavera. Sinto-a despertar em todo o meu corpo e em toda a minha alma. Tenho de fazer esforços para me conservar calma; sinto uma grande confusão, não consigo ler, nem escrever, nem fazer seja o que for. Só sei que tenho saudades (Frank, 2007, p. 120).

A primavera – talvez inclusive o simples fato de enxergar nas árvores a sua liberdade para se transformar, amadurecer, inovar – faz com que Anne veja, naquele mundo fora de sua janela, um espelho contrário àquilo que ela enxerga em si, dentro do sótão que compartilha com sua família; seu desgosto, desmesurado, a impossibilita de querer fazer qualquer coisa – é somente seu diário, este reflexo dela mesma, merecedor de qualquer tipo de atenção maior – atenção que ela já, nesse momento, não consegue dar para ninguém mais. Pode parecer curiosa essa capacidade de relatar suas memórias em um diário, ainda que a vida se desenhe de maneira tão lúgubre e funesta no seu cotidiano, mas é justamente a experiência da escrita que auxilia Anne a encarar com menos pesar aquilo que aflige a ela e a seus familiares.

Podemos, logo, pensar em um paralelo entre o conflito de gerações pelo qual passa Paul Baumer (que não enxerga de que maneira aqueles que existiam antes da primeira guerra ou que existiriam após ela poderiam compreender como viveram aqueles que participaram dela) e aquele pelo qual está a passar Anne. A escrita de seu diário parece ser parte importante da sua própria escrita corporal como alguém que se vê na transição entre aquilo que era e aquilo que viria a ser. É justamente em tal sentido que,

[...] nesse momento de passagem para o qual não há inscrição, a escrita do diário pode funcionar como possibilidade de situar essa passagem, como suporte da reconstituição do corpo (Lima & Santiago, 2012, p. 110).

Apesar de não haver inscrição, a escrita do diário, portanto, surge como uma oportunidade para tentar concretizar tal reconstituição do corpo; para dar certo grau de objetividade para aquela subjetividade sintomática da passagem menina/mulher. Enclausurada com sua família em um cubículo onde nenhuma individualidade é permitida, onde tudo é compartilhado, Anne se vê enjaulada dentro do próprio corpo de menina – corpo este prestes a atravessar um caminho que parece existir apenas do lado de fora da janela que com tanta ânsia ela observa. Seu diário, sua amiga Kitty, aparece então como uma oportunidade única de recobrar aquilo que lhe foi tirado – de reencontrar um fio de liberdade dentro daquele antro de restrições. Isso porque,

[...] nessa travessia, o diário permite a construção de um percurso 'solitário', 'íntimo', que leva ao reconhecimento de si mesmo como o principal personagem dessa história. Assim, o romance, como 'escrita', é a condição para esse percurso (Lima & Santiago, 2012, p. 111, grifo do autor).

A força das palavras é, necessariamente, tão intensa quanto a força das armas; entretanto, tudo o que compreende Baumer e acerca do que ele se propõe a refletir é, segundo ele, apenas compreensível para aqueles que estão ao seu lado no front: seus amigos, ex-colegas de escola, meninos enviados à guerra em função de devaneios patriotas de terceiros. Depois da experiência no front, Paul Baumer deixou de acreditar naquilo que havia convencido seus superiores, seus pais, todos aqueles que, quando criança, lhe falavam sobre a guerra. Ele se convence de que está certo e de que eles não só estão errados como também encarregados de lhe dar respostas convenientes.

Que fariam nossos pais se um dia nós nos levantássemos e nos apresentássemos a eles, para exigir que nos prestassem contas? Que esperam de nós, se algum dia a guerra terminar? (Remarque, 2004, p. 210).

São perguntas para as quais, imagino, poucos de nós poderíamos dar respostas plausíveis; o soldado possui uma função durante a guerra, e é somente nela que ele parece ser configurável. Ninguém se preocupa com sua vida antes ou depois do campo de batalha, afinal a lógica hegemônica é a de que ele nasceu destinado a cumprir aquela função, o que acontece antes ou depois de ela ser cumprida pouco interessa para aqueles que a inventaram em primeiro lugar.

Durante todos estes anos, nossa única preocupação foi matar. Nossa primeira profissão na vida. Nosso conhecimento da vida limita-se à morte. Que se pode fazer, depois disto? Que será de nós? (Remarque, 2004, p. 211).

Trata-se de uma pergunta que deveria ser articulada mais vezes, ainda que, para fins políticos, possa ter pouco ou nenhum fundamento para aqueles que criaram a guerra e que dela dependem para sustentar seu poder. É justamente esse tipo de pergunta retórica que fez do romance de Remarque uma das obras mais perniciosas para a visão tradicional acerca do sentimento pós-guerra de glória nacional e orgulho patriótico. Como observaria Eksteins (1980), ao discutir a inversão de valores resultante dessa nova visão trazida por Remarque acerca da primeira guerra, o escritor foi muitas vezes compreendido como uma vívida ameaça a tudo aquilo em que acreditavam os nazistas (e em tudo aquilo que gostariam de convencer os outros alemães).

Sendo assim, travou-se – não só na Alemanha, mas em todas as regiões onde se dependia (ou se depende) do interesse por fazer a guerra – uma batalha política contra não só o legado de Remarque como também toda a onda de livros denominados que tratavam a guerra de maneira supostamente negativa – quando no fundo tratava-se, nada mais, do que uma maneira realista de enxergá-la. O que escreviam tais autores foi taxado de absurdidade, ainda que, na realidade, a absurdidade fosse a própria guerra e, por que não, o próprio nascimento de noções questionáveis e sem o menor fundamento que advogavam a favor dela como aquelas do nazismo e do fascismo – em amplo desenvolvimento naquele momento histórico após a publicação do romance de Remarque. O fascismo, de fato, tinha como máxima basilar a glorificação da experiência no front – algo completamente desmitificado por Remarque em sua visão crua acerca de tal experiência. Posteriormente, os defensores de tal pensamento enxergariam nos judeus os piores inimigos de sua (ir)racionalidade xenofóbica e segregacionista; pobre desse grupo que tanto sofreu na mão dos nazistas, talvez como nenhum outro, e pobre daquelas famílias que, como a de Anne Frank, precisou se alojar nos mais inóspitos recintos para retardar sua inexorável morte e a daqueles que estimavam. Entretanto, a mesma esperança que Anne compartilha com sua amiga Kitty – pseudônimo de seu diário e extensão de si mesma – ao olhar pela janela e, de modo quimérico, imaginar toda a suposta magnificência e opulência atmosférica que ali se multiplica e que por ela espera naquele mundo externo ao seu, é também evidenciada quando esta reflete acerca da guerra e de como se daria a sua resolução.

Em um dos seus diálogos finais com o diário, Anne defende assertivamente que, apesar de tudo o que vinha acontecendo, ainda

[...] há de chegar o dia em que esta guerra medonha acabará, há de chegar o dia em que também nós voltaremos a ser gente como os outros e não apenas judeus (Frank, 2007, p. 159).

Aqui ela parece estar completamente ciente do constante fardo – fardo este que ela se via obrigada a carregar junto com seus familiares, amigos e conhecidos (mortos ou ainda vivos) – que pesava em suas costas simplesmente pelo fato aparentemente abnóxio, de ser judia. Ela sabia que ser judia era uma condição que, por definição, não a tornava pior que ninguém, uma condição que não a predispunha a fazer nada que justificasse toda aquela perseguição. Mas essa nostalgia por aquele tempo no qual ainda se podia ser gente como todos os outros, se aos poucos traz amargor para sua jovem experiência de mundo, também a faz questionar com veemência

esse sofisma que acompanhava o pensamento nazista. Assim como parece ter feito Remarque ao conceber uma segunda chance àquele seu alter ego, Paul Baumer, de retextualizar sua experiência durante a primeira guerra, foi também Anne Frank aos poucos se acostumando a utilizar sua escrita como uma maneira de colocar em palavras não apenas suas mais obumbradas consternações, mas também seus mais ingentes adágios. Nesse sentido, o texto sobressai como uma extensão do sujeito, uma forma de exprimir em palavras os mais opostos sentimentos, aquilo que só um momento de pura reflexão e reorganização através da escrita seria capaz de proporcionar.

No caso de Anne Frank, principalmente, parece, portanto, claro que ela encontra justamente neste processo de dar corpo àquilo que sentia por meio das palavras colocadas em seu diário

[...] uma forma de poder exprimir os seus sentimentos, ideais, valores e opiniões como se de uma melhor amiga se tratasse e acabou por utilizar a expressão escrita como uma ferramenta terapêutica, uma forma para o seu mundo interno não se desorganizar (Santos, 2006, p. 54).

A melhor amiga nada mais é que uma extensão da própria Anne Frank, uma parte dela que só podia ser alcançada através da escrita, necessária para reorganizar aquele imbróglio de pensamentos que a deixavam tão confusa. Outrossim, cabe salientar que, apesar de ela ficar triste por não poder contar com essa amiga no mundo real, é possível que talvez não houvesse, naquele momento, amiga melhor do que ela mesma; afinal, é a partir do processo de tratar diretamente com tantos conflitos internos que a afligiam que Anne acaba, através de sua experiência com o diário, por arrumar aquilo que havia se desarrumado, por trazer certo grau de ordem para a desordem que se agigantava dentro do complexo secreto. Pode-se, logo, entender o texto de Anne como sintomático de alguém que busca um caminho para reparar a si mesmo através das palavras.

Com este caminho percorrido, podemos inferir, também, que a escrita pode ser catalisadora em contexto psicoterapêutico, principalmente em casos de sujeitos que tenham dificuldade em expressar-se falando (Santos, 2006, p. 55).

Considerações finais

A história oficial e a história do sujeito a ela sujeitoado

As análises literárias do romance *Nada de Novo no Front* (2004), de Erich Remarque – escrito por ele logo após o término da primeira grande guerra – e dos relatos de Anne Frank em seu livro póstumo *O Diário de Anne Frank* (2007) – escrito durante a segunda guerra – expõem a necessidade de se olhar

com cuidado e apreço para as narrativas de guerra. Ainda que sejam dois gêneros distintos naquilo que concerne a seus sistemas de funcionamento tradicionais, ambos podem ser considerados, até certo ponto, como livros de memória tendo em vista que

[...] as memórias são relatos que um(a) escritor(a) faz de acontecimentos fundamentados em sua vida, ou mesmo de eventos históricos dos quais participou ou foi testemunha (Cunha, 2011, p. 3).

Ambos os livros estão submetidos à interpretação e vivência específica dos autores naquele dado momento, já que

[...] essa narrativa depende muito da própria memória que, em psicologia cognitiva, é a faculdade de conservar e lembrar estados de consciência passados e tudo quanto se ache associado aos mesmos (Cunha, 2011, p. 4).

Para retornar a tais estados de consciência passados, Remarque se submete a uma viagem de volta à primeira grande guerra, enquanto Anne Frank retextualiza a segunda no momento exato em que ela se dá. Nesse sentido, assim como se confundem as memórias na mente de qualquer indivíduo, a estrutura narrativa de ambos os livros segue um padrão próprio, que não se submete ao arcabouço literário utilizado de praxe para fundamentar o texto – status quo, conflito, clímax, retorno ao *status quo*.

Literatura e história: trata-se, de fato, de uma complexa dualidade, com a qual aquele que entra em contato com obras como o romance de Remarque ou as memórias de Anne Frank, sem sombra de dúvidas, se vê obrigado a lidar. É importante ter em mente, entretanto, que nem toda definição de relatos literários e relatos históricos impõe uma supressão de sentidos entre tais categorias. Por sinal, nos parece coerente que se pense

[...] nesta relação entre a história e a literatura a partir de dois caminhos, que mesmo representando perspectivas diferenciadas de análise, não se excluem e que foram fundamentais para o desenvolvimento de ambas (Paixão, 2011, p. 2).

Trata-se, portanto, não de escolher um caminho, mas de aceitar mais de um, de enxergar uma gama de possibilidades para que se fale daquilo que é supostamente real e daquilo que é supostamente apócrifo de maneira menos ingênua e mais frutífera, como pensamos ser viável quando se articula uma leitura das duas obras trazidas para esta análise. Grande parte dos arremates que tantos debates sobre o histórico e o ficcional suscitaram foi justamente acerca da capacidade que a literatura tem de contar aquelas histórias que tais documentos nunca se deram ao trabalho de discutir, histórias não de figuras políticas e sociais, mas do homem e da

mulher comum; para a literatura, quem importa não são os rostos que figuram nas páginas dos livros de histórias com suas coroas ou tropas de soldados, mas sim, majoritariamente, aqueles que falecem sem nome, orgulho ou prestígio, em valas sujas e escuras.

O que Anne Frank e Erich Remarque nos trazem da primeira e da segunda guerra não são as histórias de Kaiser e de Hitler, e sim daqueles que sofreram, em grande parte, por culpa deles, mas para quem talvez nem um terço da atenção tenha sido direcionado. Logo, dividir o real e o imaginário acaba se tornando uma tarefa inútil, já que ambos informam um ao outro, o que não aconteceu poderia ter acontecido, e vice-versa.

A literatura é uma representação do real; a partir dela se pode acessar, ler, o imaginário social. Neste caso é a literatura que fornece os indícios para pensar em como e porque as pessoas agiam desta e daquela forma (Paixão, 2011, p. 6).

A história de Paul Baumer está próxima da história de centenas de soldados, e a de Anne Frank daquela de centenas de refugiados, nada mais digno de ser representado do que o sofrimento daqueles para quem sobram estatísticas, mas falta compreensão. Apesar disso, ainda que a narrativa de guerra, de fato, nos carregue para mais perto do contexto dessas duas obras, imagino ser demais imaginar que um dia seríamos capazes de entender como as pessoas agiam desta ou daquela forma quando o contexto foi capaz de produzir figuras tão asquerosas quanto aquelas que assombravam os dias e as noites de Erich Remarque e de Anne Frank. Se as narrativas-mestras tendem a desprezar as histórias particulares, torna-se urgente uma busca por outros canais discursivos. A literatura, nesse sentido, nos leva para mais perto daqueles sujeitos cujas estórias talvez mais se aproximam das nossas. Afinal, as figuras mais lembradas pela história são precisamente aquelas cujas vidas pouco (ou nada) tem a ver com a de quem foi por ela esquecida.

Referências

- Belchior, M. (2010). O discurso de Anne Frank. *Revista Versão Beta: sob o signo da Palavra*, 60(1), 133-146.
- Bolton, M. (2011). Love and war in 'All Quiet on The Western Front' and Hemingway's 'A Farewell to Arms'. *Critical insights Journal*, 31(2), 68-81.
- Campos, L. (2008). Patrick Modiano e a segunda geração pós-Shoá. *Revista Icarahy*, 5(2), 1-13.
- Cunha, M. (2011). A guerra contada: estudo de narrativas jornalísticas e históricas em diário e memórias. *Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades*, 12(2), 1-8.
- Eksteins, M. (1980). All quiet on the western front and the fate of a war. *Journal of Contemporary History*, 15(2), 345-366.
- Frank, A. (2007). *O diário de Anne Frank*. (Ivanir Alves Calado, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Lima, N., & Santiago, L. (2012). Historização e romance: a construção do personagem no diário íntimo de adolescentes. *Revista Ágora*, 15(1), 95-115.
- Martins, L. (2008). *História, literatura e memória: reflexões sobre a grande guerra* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- Paixão, C. N. A. (2011). No front, na fuga, no paraíso: visões de Erich Maria Remarque sobre a era da catástrofe. In *Anais do XXVI simpósio nacional de história* (1-12). São Paulo, SP.
- Pessoa, F. (1999). *Livro do Desassossego*. São Paulo, SP: Companhia das Letras
- Remarque, E. (2004). *Nada de novo no front*. São Paulo, SP: L&PM.
- Santos, M. (2006). *Um olhar sobre 'O Diário de Anne Frank'* (Dissertação de Mestrado). Instituto Universitário de São Paulo, São Paulo.

Received on December 2, 2015.

Accepted on April 27, 2016.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.